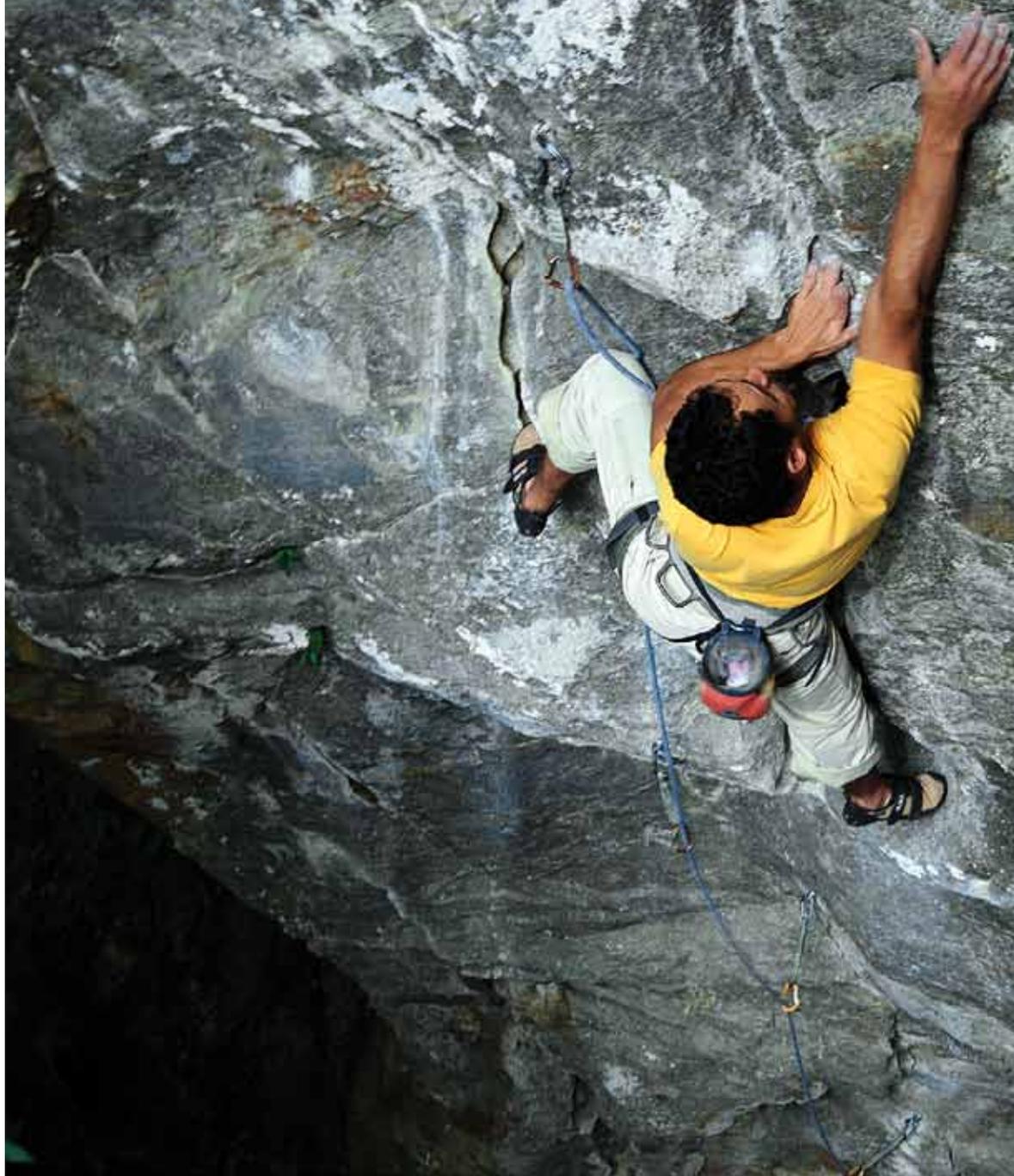


Mountain

voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXIV | #153 | jan/fev 2017



NOVO MUNDO VERSUS
VELHO MUNDO

**SERRA DO
CARAÇA - MG**

**FALÉSIA DO
FURLAN - ES**

ESPORTIVA

MONTANHISMO

ESCALADA

CAMISETA
ACTIVE FRESH
NOVAS CORES

VERÃO
2017

Mochila MIRAGE 35+

Fem. MC
Masc. ML

Disponíveis nas versões Feminino, Masculino e Infantil.

PROTEÇÃO UV 50+
EQUILÍBRIO TÉRMICO
DISPERSÃO DE SUOR

VELOX
LEVEZA E PERFORMANCE

CORDURA
RESISTÊNCIA E DURABILIDADE

DRY SYSTEM
DISPERSÃO DE SUOR

CAPA DE CHUVA

CURTLO

CONHEÇA OUTROS PRODUTOS EM
WWW.CURTLO.COM.BR

Aonde você for!

Internacional

Este ano vêm sendo difícil para a maioria de nós, mesmo que não pessoalmente, globalmente o mundo vem sofrendo com escolhas coletivas errôneas e decisões individuais e egoístas. Quando começamos com esta reflexão pensamos imediatamente em economia e política e sequer passamos perto de uma auto-indulgência ou análise.

ALESSANDRA ARRIADA | RS

Lembramos de injustiças e surpresas nas eleições, nas não eleições ou na anulação desta, percebemos tragédias, revoluções, roubos e até crimes, cometidos por uma violência desmedida, um excesso de um todo negativo, ambicioso e com consequência em nosso ânimo, nossa rotina, nossos hábitos e bem estar. Mas e como agimos individualmente? Como é nosso universo particular? Como lidamos com o ego, o orgulho, a ambição, o tratar bem, o outro em conjunto com nossos desejos, interesses e vontades? Colocamos nossa maneira de pensar e agir acima de toda suspeita? Tratamos nosso semelhante com gentileza e educação mesmo em situações difíceis? Ou competimos o tempo todo pela verdade?

Mesmo em férias ou sossego, nas montanhas, ou em nosso ambiente ou comunidade, ou mesmo escalando, lidamos com situações idênticas às cotidianas. Lidamos principalmente com a oportunidade de tentarmos ser melhores, lidando com o outro, aprendendo com o outro e com nós

mesmos, com diferenças, conflitos em situações limitantes, diante de nossos próprios medos e inseguranças. Sachi Amma, um escalador japonês famoso, parou de competir após ganhar seu World Cup em 2014. Este ano ele chegou a seu objetivo de encadenar dez vias 9a. Em 2016 ele anunciou que não entraria mais em vias difíceis após um 9a chamado Flatanger.

"Eu não consigo encontrar nenhum valor para ser uma pessoa melhor me comparando com outros escaladores. Esta é a razão pela qual eu parei de competir e parei de escalar vias difíceis. Por que eu preciso ser melhor do que os outros? Por que eu preciso estar sempre certo? Quando eu tenho essa necessidade, eu somente estou encobrindo problemas essenciais da minha existência, e eles ainda estão lá, caso eu não os enfrente."

Amma se defende de possíveis más interpretações ou radicalismos dizendo como a competição é uma excelente maneira de conhecer a si mesmo, mas diz em seguida de sua certeza que, a competição nunca tornou nin-

guém melhor ou mais feliz. Logo, seu foco passou então a se concentrar no balanço e no sentir da escalada, percebendo o feminino, o espiritual e belo. Quando perguntado qual seria seu próximo objetivo agora e como lidaria com a procura e ascensão da escalada em seu país Japão, como poderia difundir o esporte ou atender patrocinadores ou ainda pensar na escalada como esporte olímpico, Sachi respondeu:

"Eu me pergunto constantemente sobre o que faria a seguir, e o único que sei e que posso sentir é que irei para a Espanha semana que vem e passarei um par de semanas por lá, mas ainda não sei o que irei escalar muito menos quais vias, mas acredito firmemente que serei somente eu mesmo e a vida irá exatamente para onde eu quiser dessa forma."

Constantemente encontro pessoas e cenários bem diferentes da harmonia e busca interna dita pelo escalador japonês. Quantos de nós não encontramos o tempo todo brigas incoerentes na escalada, seja por causas nobres, seja por futilidades, resumidas em xin-

gamentos desmedidos, egolatria e falta de educação. Quantos de nós não competimos o tempo todo, seja por pontos de vista, seja por ascensões, conquistas ou causas ditas defendidas por nós, mas que somente mascaram nosso ódio incontido, desmedido e infundado.

Quantos destilamos ofensas em redes sociais por A ou por B, perdemos amigos, perdemos pontas de cordas, se desfazem associações, amizades, eventos, encontros, mascarados por uma busca frenética de estar certo, ser o melhor, ganhar e ganhar. Uma incoerente realidade de um esporte tão próximo ao sublime, pleno, espiritual. Estar nas montanhas para mim sempre será transcender humildemente meus desejos, vontades e habilidades a um simples sentir viver, usufruir, desfrutar e... sorrir.

Que a gente possa refletir sobre essa busca constante pelo ter razão e consiga superar nossas limitações ego-cêntricas em prol de um mundo bem, bem melhor. Seja na escalada, seja aonde for. Namastê. Boas escaladas a todos.

TRILHAS & RUMOS
A SUA COMPANHEIRA DE AVENTURAS

MOCHILA CAMPUS NET 2
TODA EM LONA DE NAILON REFORÇADO, COM ALÇAS ANATÔMICAS E ALÇA DE MÃO PARA TRANSPORTE. PERFEITA PARA A TRILHA OU PARA O DIA A DIA.

MOCHILA CRAMPON 31
RESISTENTE, COM BOLSO FRONTAL COM DIVISÕES PARA CELULAR, DOCUMENTOS E ITENS PESSOAIS E CONTEM CAPA DE CHUVA EMBUTIDA PARA PROTEÇÃO.

ABRIGO TRILHAS WIND
PROTEGE DO VENTO E DA UMIDADE COM CONFORTO. IDEAL PARA ATIVIDADES AO AR LIVRE, BIKE OU MOTO E OCUPA POUCO ESPAÇO.

MOCHILA CRAMPON 50
ESPAÇOSA PARA CONTER SUPRIMENTOS DE VIAGENS MAIS LONGAS EM AMBIENTES URBANOS.

MOCHILA CRAMPON 40
SUAS ALÇAS MAIS RÍGIDAS GARANTEM UM MAIOR CONFORTO E PODE SER UTILIZADA TANTO EM TRILHAS COMO NA IDA AO TRABALHO OU FACULDADE.

BARRACA FLASH 2
LEVE E PRÁTICA, COMPORTA ATÉ DUAS PESSOAS E TEM RESISTÊNCIA DE 2.000MM DE COLUNA D'ÁGUA.

SACO DE DORMIR ESSENCE
COMTE COM EMBALAGEM ACOPLADA, QUE SERVE DE BOLSA DE TRANSPORTE E TAMBÉM COMO TRAVESSEIRO. IDEAL PARA BAIXAS TEMPERATURAS.

ARM. EM ALUMÍNIO P/COTA 2
CONJUNTO COMPLETO DE ARMAÇÃO EM ALUMÍNIO PARA A BARRACA COTA 2 (TOTAL DE 18 SEGMENTOS)

WWW.TRILHASERUMOS.COM.BR

21 2742-9652

VISTA SUA LIBERDADE

www.solo.ind.br

SOLO

www.mountinvoices.com.br

Velho mundo versus Novo Mundo

Texto*Imagem: Roni Andres

Quando começo a escrever fica difícil não fazer comparações entre o Brasil e a Europa, penso que esse seja um dos motivos pelo qual o Mountain Voices tenha me dado essa oportunidade de assumir uma coluna no jornal.

Na condição de quem viveu e escalou no Brasil e há oito anos faz o mesmo aqui, na Europa com os "gringos". Me dá a possibilidade de confrontar melhor as inúmeras facetas do nosso esporte e das pessoas que o praticam. É claro que toda vez que penso no que escrever como artigo, me lembro das histórias narradas sobre o velho mundo do tempo que eu ainda morava e escalava no Brasil, e vivia com a ideia distante de um dia poder colocar as mãos em uma falésia como Ceuse, Margalef, Siurana, Ospó, etc. Algumas dessas histórias ainda fazem parte das lembranças daquele período.

Ponto 1 Alguém sempre dizia "Na Europa não é como aqui no Brasil que tem uma parada de feriados durante o ano." E nem precisa, a quantidade de 'locals' que encontramos na falésia é sempre grande, não é que essa gente não trabalhe é que os horários são muito flexíveis. As pessoas decidem se trabalham 20, 30 ou 40 horas semanais, em alguns lugares podem ser feitas em turnos, manhã, tarde ou noite, com isso meio dia já estão em casa, fora os dias de descanso. Adaptam os gastos mensais ao salário e ganham em tempo e uma melhor qualidade de vida, portanto muitos vivem num "permanente feriado", diferente do Brasil, onde uma pessoa deve trabalhar toda a semana, quase sempre muito longe de casa e quando chega o final de semana está pra lá de cansada.

Ponto 2 Daquilo que me lembro, a escalada assim como outros esportes, não era muito bem vista aos olhos de tanta gente. Era um esporte ao meu ver marginalizado, "Subir paredes pra que?" "Coisa de quem não tem nada pra fazer!". Ou aquela frase tão gritada da janela de um ônibus quando estávamos

escalando no parque cinquentenário em Caxias (uma pequena falésia no centro da cidade com uma avenida ao lado) "Vai rachar lenha vagabundo!". Até mesmo meu velho fazia conta de não escutar quando eu contava as minhas peripécias, não sei se ele era preocupado pela minha integridade física ou se pensava o mesmo da galera do ônibus (risos). Quando cheguei à Europa, vi que a coisa funcionava diferente, gerações escalavam juntas, muita gente nova e muita gente mais velha em qualquer atividade outdoor. Depois de um tempo entendi que o esporte corria mais depressa na Europa, não só porque tinha iniciado um bom tempo antes, mas porque era impossível um esporte não se desenvolver num lugar com uma quantidade extraordinária de rocha onde um parabolito e uma chapeleta custam respectivamente €0,60 e €0,80. Hoje fico super feliz em saber que ai no Brasil meus amigos levam os filhos pra rocha, sinal que a gente precisa somente de um pouco mais de tempo pra dar passos importantes para uma maior evolução da escalada no Brasil.

Ponto 3 Qualquer esporte pode se desenvolver somente com incentivo, no final das contas todos acabam sendo beneficiados. Essa é minha maior certeza vivendo aqui em Arco. Sem a escalada e a bike a cidade poderia "fechar as portas". Do período do primeiro Rockmaster nos anos oitenta, com o trabalho de grampeação de vias no vale do rio Sarca e a vinda sempre maior de escaladores, Arco se desenvolveu muito. Os escaladores tinham a necessidade de equipamentos, o que levou a abertura de um grande número de lojas, lugares para hospedagem, que preveem uma grande quantidade de "Bed and Breakfast", Campings e Hotéis, e depois disso uma grande quantidade de ba-

res, sorveterias, ressoladores e tudo mais, todas essas atividades sobrevivem praticamente da vinda de escaladores no verão. Vivendo de esporte uma localidade precisa estar sempre em constante evolução. Um bom exemplo desse incentivo, da preocupação com novas vias e também de amor pelo esporte é um cara chamado Fabio Leoni, grande escalador e um dos pioneiros nas conquistas aqui e hoje meu chefe na Vertical Sport, que no ano de 2009, depois de me ver conquistando uma nova falésia e mesmo sem me conhecer passou a me dar todas as chapeletas, chumbadores e paradas para outras conquistas. Assim como fazia uma outra loja com um amigo que desenvolveu várias falésias aqui nas redondezas. Outra questão interessante é das falésias conservadas pela prefeitura, que além de pagar a manutenção periódica feitas pelos guias de montanha, ainda pagam um aluguel anual aos donos das terras onde essas falésias se encontram.

Ponto 4 Nem tudo são flores, apesar de ser um lugar mais tranquilo quando falamos da criminalidade, algumas falésias sofrem esporadicamente com os furtos em carros, principalmente no verão. No geral isso acontece somente quando alguém deixa à vista dentro do carro máquina fotográfica, filmadora entre outros objetos pessoais, por sorte resta só nisso, ao menos aqui no norte... Às vezes acontece de chegar à falésia e não encontrar mais as primeiras chapeletas das vias, gente de "M" existem em todos os lugares. Alguns problemas referentes à ética, conquististas, etc.. também saltam fora volta e meia, o que se resolve com qualquer xinga-

Naoki Arima escalando na falésia di Massone em Arco, Itália.

mento através de uma chamada telefônica e a resolução do problema, até mesmo porque a grande maioria dessa galera esta preocupada mesmo em escalar.

Ponto 5 Pra descontrair: "Na Europa a fruta tem preço de ouro", "Ir num restaurante é muito caro, impossível comer fora", e a melhor "Se tu tomar um ou mais banhos por dia, vão te perguntar se tu tens problema de pele porque te lava demais". Nunca deixamos de comer fruta, o preço definitivamente não é "de ouro" a única dificuldade é achar a grande variedade que temos no Brasil. Se quiser sair pra comer, nenhum problema também. Uma ótima pizza e uma birra média (500ml) sai por uns €16,00.

Quanto ao banho, nunca ninguém me falou nada, a maioria da galera aqui é até mais "chata", chega na falésia com as roupas impecáveis, tudo muito limpo e novo. E se muda antes e depois de escalar, hoje essas histórias fazem rir um pouco...

Ponto 6 Pra finalizar, quando aceitei o convite do Eliseu pra escrever os artigos, sempre pensei em passar assuntos onde as pessoas pudessem se identificar um pouco com as experiências adquiridas nesses meus quase 25 anos de climb. Espero ter conseguido um pouco disso esse ano...

Um Feliz Natal e um Ano Novo cheio de saúde e muitas cadenas pra todos!!!

Roni Andres tem apoio de Five-Ten.



CASA DE PEDRA

Loja e Ginásio

Agora em um único endereço !

Rua Venâncio Aires, 31 - Água Branca, São Paulo, SP

Tel.: 11 98198-8267

www.casadepedra.com.br

www.escaladaindoor.com.br



Texto*Imagens: Naoki Arima

Falésia do Furlan

O Espírito Santo é nacionalmente conhecido no montanhismo pelos famosos “pontões de granito” à perder de vista e anualmente, num número cada vez mais crescente, escaladores de outros estados, e até mesmo do exterior, vêm à terras capixabas para provar os famosos “rampões de granito”.

Mas a escalada no Espírito Santo não é feita só de vias tradicionais, em meio ao mar de domos de granito, há pequenas falésias que são perfeitas para prática da escalada esportiva. E um desses lugares é a falésia (que não é falésia, mas sim um bloco) de Furlan no município de Castelo, distante a 150 km da capital Vitória.

Esta pedra não possui mais do que sete vias e a altura máxima não ultrapassa os 15m, mas é um exemplo clássico de que “qualidade é mais importante do que quantidade”. Além disso, o local fica num dos locais mais espetaculares do estado com uma beleza cênica sem igual.

A falésia fica dentro da propriedade da família Furlan que desenvolve o turismo rural graças a cachoeira homônima que atrai dezenas de turistas todos os finais de semana para lá garantir uma selfie, além de se refrescar nas suas águas geladas. A falésia foi “descoberta” em 2010 quando eu e o escalador Diogo “Rebit” estávamos desenvolvendo a falésia de Apeninos que fica próximo dali (30 minutos de carro). Depois de uma longa jornada de trabalho era praxe subirmos até a propriedade da família Furlan para jantar uma excelente comida caseira e descansar um pouco ao som da cachoeira. E sempre que íamos lá, ficávamos olhando para uma pequena pedra negativa que despontava no meio do cafezal. Olhávamos para ela, víamos o potencial, mas sempre ficava faltando aquela vontade de subir até a base e tocar na pedra para ver o real potencial.

Um dia, numa manhã fria de inverno, acordei mais cedo e enquanto esperava o Rebit sair do sono profundo, resolvi subir o cafezal para ver mais de perto a tal pedra negativa. Lembro até hoje que subir aquele cafezal molhado de manhã cedo não foi nada legal, mas a caminhada valeu o esforço, pois incrivelmente a pedra tinha muitas agarras para os padrões locais. Desci de lá muito animado e contei a novidade ao Rebit ainda sonolento. E desde então foram mais algumas

investidas para abrir todas as linhas possíveis. Atualmente a pedra conta com 7 vias, sendo que a via mais fácil é um 8b e a mais dura um 9a. Devido à “dureza” das vias, o local não é uma unanimidade, mas as poucas pessoas que já foram lá e provaram as vias, sem sombra de dúvida, aprovaram a qualidade do granito. O estilo das vias também é bem peculiar com uma escalada boulderístico mesclada com um pouco de resistência, sempre em agarras com canto.

Pessoalmente tenho um grande apreço pelo local, não só pelo fato de ter ajudado a desenvolver o point, mas também pela energia do local e principalmente pela hospitalidade típica da família Furlan que sempre recebe os escaladores de braços abertos. Inclusive, desde 2012, a propriedade da família é local oficial da “Abertura de Temporada de Escalada do Espírito Santo” que acontece todos os anos no mês de maio e é organizado pela Associação Capixaba de Escalada - ACE. É claro que a região de Castelo não se restringe apenas a esta falésia, num raio de 20km, o local possui outras áreas de escalada esportiva, com destaque para a Falésia de Apeninos, e outras montanhas proeminentes como a Pedra São Luis, Pedra do Dedo, Pedra da Bandeira, Pedra São Cristóvão, Pedra Pontuda e assim vai a lista... Todas com vias tradicionais de excelente qualidade, mas isso é história para uma outra matéria...

Mais que uma loja de equipamentos outdoor

NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA
Ambiente descontraído
Assistência personalizada
Suporte técnico
As melhores marcas



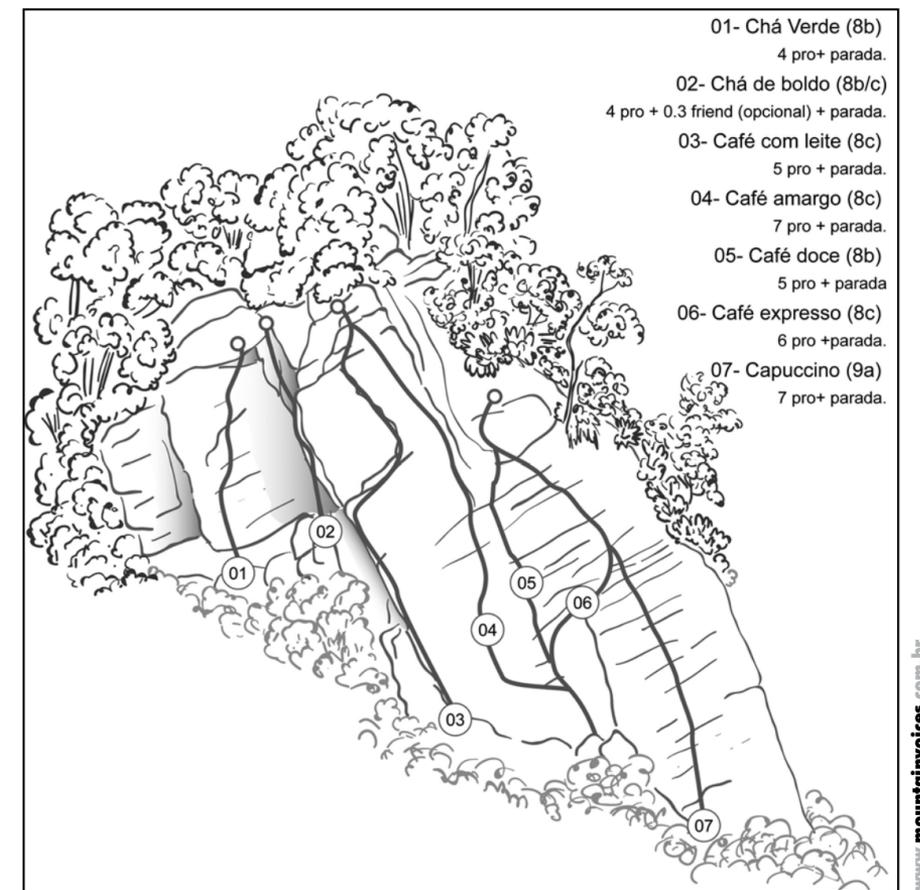
BIVAK
OUTFITTER

e-commerce: www.bivak.com.br

11 2308 6995

Rua Caramuru, 523

Metró Praça da Árvore, São Paulo



- 01- Chá Verde (8b)
4 pro+ parada.
- 02- Chá de boldo (8b/c)
4 pro + 0.3 friend (opcional) + parada.
- 03- Café com leite (8c)
5 pro + parada.
- 04- Café amargo (8c)
7 pro + parada.
- 05- Café doce (8b)
5 pro + parada
- 06- Café expresso (8c)
6 pro +parada.
- 07- Capuccino (9a)
7 pro+ parada.



Pelos senderos da **PATAGÔNIA**
Imagine estar na presença de um maciço de granito com mais de 3.000 metros de altura, onde o se apresenta a chance de aplicar as mais variadas técnicas de escalada, rodeados por paisagens incríveis e de perder o fôlego.Agora imagine que este maciço contém as rochas e paredes consideradas as de mais difícil acesso no mundo, e que pelo seu grau de dificuldade foram conquistadas somente 12 anos após o Everest e o K2, e suas tentativas de ascensão são envoltas em muitas histórias, lendas e dúvidas, juntamente com grandes nomes da escalada mundial.

Estamos falando do Fitz Roy e da cadeia de picos onde estão o Cerro Torre, Cerro Egger, Punta Herron, e o Cerro Stanhardt, no sul da Patagônia Argentina.

A aventura começa pelo Aeroporto de Cumbica em Guarulhos – São Paulo, rumo a Capital Federal da Argentina Buenos Aires, de lá pegamos um voo, saindo do Aeroporto Jorge Newbery, ou mais conhecido como Aeroparque (sugerimos o mais cedo possível, no nosso caso tomamos o voo que saia as 04h10 da manhã), com destino a Cidade de El Calafate.

Embarcamos nessa aventura, eu e minha mulher Laura Rodríguez, que através de sua agência a Inspiring Adventures Tours & Experiences, foi convidada a pela Câmara Argentina de Turismo a participar da FIT – Feira Internacional de Turismo, realizada na Cidade de Buenos Aires/AR, e neste evento fomos convidados por alguns empresários de El Calafate, Província de Santa Cruz, para conhecermos e explorarmos a região. Devo dizer, sem nenhuma dúvida, que sai levando vantagem nesta aventura, pois a Laura Rodríguez além de ter realizado inúmeros cursos de capacitação para a região, ser natural da argentina e especialista em turismo de aventura e experiências, já foi voluntária em Parques Nacionais do seu

país e morou na patagônia, o que faz da mesma, além de uma “expert”, uma referência no que diz respeito a conhecer a Patagônia Argentina.

De Buenos Aires à El Calafate percorremos os quase 2.750 km que separam as duas cidades em 3h, num voo tranquilo. Posso dizer com certeza que nossa aventura começou na aterrissagem da aeronave, pois a vista da Cidade de El Calafate, margeando o Lago Argentino, com a Cordilheira dos Andes ao fundo, é de perder o fôlego, sem mencionar o fato que nossa aventura, a partir deste ponto foi repleta de surpresas muito agradáveis.

El Calafate é a segunda maior cidade da Província de Santa Cruz, que se revela a 3ª. maior província da Argentina em extensão territorial, sendo menor apenas, que as Províncias de “Tierra del Fuego” e “Buenos Aires” e apesar de ser extremamente bem estruturada El Calafate não é a capital da província de Santa Cruz, este título fica com a cidade de Rio Gallegos, onde está localizado um dos portos mais importantes do país.

El Calafate está situada à margem do Lago Argentino e tem seu nome derivado de um arbusto de mesmo nome.

O nome do arbusto Calafate, deriva de

látex, extraído de suas folhas no início da colonização da região e que servia para “calafetar” as casas e demais lugares que deveriam estar protegidos da umidade e do frio.

Na gastronomia, além dos tradicionais pratos e doces argentinos, o cardápio é enriquecido com o cordeiro patagônico, truta patagônica, doces e licores feitos com o fruto do Calafate, as frutinhas do mesmo arbusto que deu nome à cidade.

Independente ou não de ser a capital da província, El Calafate tem seu charme próprio e é com certeza a porta de entrada para um universo de belezas naturais inigualáveis.

De El Calafate vamos de carro à vila de El Chaltén, distante 270km (aproximadamente 3 horas de viagem) percorridos por uma rota provincial e uma rota nacional e nunca, nunca mesmo somos abandonados pelas paisagens de cair o queixo.

No caminho, além da visão da Cordilheira dos Andes, somos acompanhados de guanacos, ovelhas, côneores, montes multicolores resultado do assentamento das invasões do oceano naquela região da patagônia e das sempre presentes cercas, que marcam os limites das estâncias.

Aos que duvidam da afirmativa acima, ou

seja, da “invasão do oceano na patagônia”, isso ocorreu de verdade e de acordo com os especialistas as camadas de sedimentos depositadas durante os anos demonstram, que tal fenômeno não aconteceu só uma vez, mas entre sete e oito vezes pelo menos durante milhões de anos.

Seguimos pela RP 23 (ruta provincial) até o cruzamento com a mítica “Ruta 40” (ruta nacional), que corta a Argentina de Norte a Sul, no caminho visitamos um “parador” (ou parada) as margens do rio “La Leona”. Francisco Moreno (Perito Moreno), ao acampar as margens de um rio com sua expedição para explorar e mapear o sul da Patagônia Argentina, foi atacado e ferido gravemente por uma leoa americana ou Puma fêmea, sendo salvo pelos outros integrantes da expedição, Francisco Moreno em homenagem ao animal batizou o rio com o nome de “La Leona” (a leoa).

No local do ataque foi montado um “parador” para os viajantes e trabalhadores das estâncias, que transportavam as cargas de lã e suprimentos.

Este parador também foi batizado de “La Leona” e hoje serve mais ao turismo do que aos fins ao qual foi criado.

Trata-se de um local bastante aconchegante para se tomar um café ou chocolate,

comer uma empanada e comprar algumas lembranças, as paredes tem muitas fotos de escaladores, mas o mais pitoresco são as histórias sobre a passagem de dois grandes bandidos do velho oeste americano no local e que tiveram seu nas mãos do exército boliviano.

Estamos falando de Butch Cassidy e Sundance Kid, a parede do lugar ostenta fotos e alguns documentos da passagem dos famigerados bandidos pela região.

Butch e Sundance, nunca chegaram a voltar aos Estados Unidos, foram mortos na Bolívia, esta história espetacular foi retratada em um filme no ano de 1969 “Butch Cassidy e Sundance Kid” estrelados nada menos que por Paul Newman e Robert Redford. A veracidade ou não desta história, que coloca o “Parador La Leona” como palco da passagem da dupla pela Patagônia Argentina e contada pelos guias e funcionários do local nos envolve e deixa a viagem mais empolgante e animada.

Saindo de “La Leona” e conseqüentemente da RP 23, entramos na “Ruta 40”, onde o show da natureza fica mais espetacular a cada quilômetro rodado.

A “Ruta 40”, que por todos da região é tida como mítica, vai revelando o porquê deste adjetivo lhe ser atribuído, pois a medida em que vamos avançando em seus quilômetros sempre vamos nos surpreendendo mais. Margeamos o Lago Upsala e mais próximo a El Chaltén, e temos como paisagem de fundo, emoldurado pelas Cordilheira dos Andes o Glaciar Upsala outro glaciarc gigante e que figura entre os maiores da Patagônia Argentina.

Apesar de toda esta distância (270 km), entre El Calafate e El Chaltén, ambas estão dentro do Parque Nacional Los Glaciares, criado em 1937 é o primeiro parque nacional argentino em extensão de território, (a Argentina possui 28 parques nacionais) e em seu interior, abriga cerca de 47 glaciares, e dois grandes lagos o Argentino e o Upsala e os Glaciares Perito Moreno e Upsala.

A grande atração do Parque Nacional é o Glaciar Perito Moreno, o único do mundo que pode ser acessado por via terrestre e recebe este nome por conta de Francisco Pascacio Moreno, este um “expert” ou em bom castelhano um “perito” topográfico e hidrográfico e que desbravou a Patagônia Argentina.

Olhando para frente, somos pegos de surpresa pela imponente visão à distância do Fitz Roy e do Cerro Torre, ambos, se sobrepõe a paisagem como verdadeiros titãs. Impossível qualquer montanhista não se emocionar com a visão dos dois maciços, o coração bate mais rápido e os olhos chegam a se encher de lágrimas.

Lembramos, que apesar do Evereste em 1953 e do K2 serem as montanhas mais altas do mundo com mais de 8.000 mts, seus cumes só foram conquistados em 1953 e 1954 respectivamente, já o cume do Cerro Torre só ocorreu em 1971, doze anos depois dado o grau de dificuldade exigido dos escaladores e durante muitos anos foi tido como a montanha mais difícil de ser conquistada no planeta, sendo que muitos especialista e montanhistas, acreditam que jamais o seria.A cada curva na estrada o Fitz Roy e o Cerro Torre se apresentam de forma diferente, porém não menos imponente e impressionante.Antes de chegarmos a El Chaltén, fazemos duas paradas, uma no meio da “Ruta 40”, para fazermos fotos e apreciar um pouco mais a paisagem e outra na entrada da Cidade, em um mirador para

tirarmos fotos com a cidade e as montanhas de fundo.

El Chaltén é uma Cidade que nasce da necessidade do Governo Argentino em povoar a região, para fixar suas fronteiras, sendo que a divisa entre os dois países pois de um lado temos o Fitz Roy e o Cerro Torre no Parque Nacional de Los Glaciares na Argentina e do outro temos Torres Del Paine no Parque Nacional Torres Del Paine - Chile.

Originalmente El Chaltén tem como seus primeiros moradores, Guarda Parques e suas famílias, integrantes da gendarmeria argentina e suas famílias, militares e suas famílias e pessoas que se aventuravam a morar naquela região, sendo, que para incentivar a ocupação o governo argentino outorgava a posse e a propriedade das terras de forma gratuita.

El Chaltén inclusive e o nome original do Fitz Roy, que foi dado pelos índios Tehuelches (nativos da Região) e que significa “montanha de fumo”, pois invariavelmente tanto o Fitz Roy como o Cerro Torre estão envolvidos por neblina.

Os índios Tehuelches ainda acreditavam, que seus deuses habitavam o Fitz Roy e Cerro Torre, quando os mesmos estavam envoltos pela neblina, era considerado um lugar sagrado pelos povos nativos. O nome Fitz Roy foi dado por Francisco Moreno, os motivos e a história neste ponto tem duas versões, pois de acordo com os moradores e guias da região, foi uma homenagem ao principal assistente de Francisco Moreno na expedição de mapeamento da região, outras fontes dizem, que a homenagem foi feita a Robert Fitzroy Capitão do navio HMS Beagle, que levou Charles Darwin em sua mais famosa viagem, além disso Robert Fitzroy tal qual Francisco Moreno, teria sido um pioneiro na área da meteorologia, explorador e hidrografo.

Independente do nome o Fitz Roy e o Cerro Torre são colossos e mitos no mundo do montanhismo e da escalada, estando envolvidos em muitas histórias, contos, mitos e controvérsias.

O que se sabe realmente é que duas montanhas representam verdadeiros desafios. O Fitz Roy, apesar de seus 3.375 metros, é considerado por muitos alpinistas profissionais um dos grandes desafios do esporte, pois além de mesclar uma série de técnicas de escalada (gelo, rocha, etc..) suas paredes foras polidas durante milhões de anos pelo vento e pelo gelo, exigindo daqueles que o ousam desafiar a excelência na aplicação de técnicas de escalada.

Na ascensão do Fitz Roy, em que pese a dificuldade técnica, devemos levar em conta o fator clima, pois na região além de ser ruim é extremamente volátil, com mudanças rápidas e abruptas, o que dificulta ainda mais a escalada, sendo que este conjunto de fatores, já ocasionou a perda da vida de muitos escaladores, que ousaram a desafiar esta montanha.

O Fitz Roy ainda foi o pano de fundo de uma das grandes perdas do montanhismo brasileiro, pois em Janeiro de 2011, Bernardo Collares, sucumbiu à força, a dificuldades e as condições extremas da montanha. Seu cume foi conquistado pela primeira vez em 2 de fevereiro de 1959, pelos montanhistas Guido Magnone e Lionel Terray, em uma expedição franco argentina.

Já o Cerro Torre e o Cerro é o mais elevado pico de um grupo de quatro picos, que além do Cerro Torre, contam também com a Torre Egger, a Punta Herron, e o Cerro

Stanhardt.O Cerro Torre e o centro de uma das maiores discussões e dúvidas nas conquistas do esporte, a conquista de seu cume é reivindicada por Césare Maestri (italiano) em dupla com Toni Egger (Austriaco) no ano de 1959, além de por muito tempo ter sido considerado pela comunidade internacional de montanhistas o pico que jamais seria conquistado, dado o seu grau de dificuldade.

A prova da conquista do cume do Cerro Torre (foto), foi perdida, quando Toni Egger morreu em uma avalanche ocorrida na descida da montanha, o corpo e a máquina fotográfica (que estava com Toni Egger) foram dados como perdidos, por muito tempo.

Maestri, pressionado e questionado sobre a veracidade da conquista, volta ao Cerro Torre, desta vez com a ajuda de um compressor de 70 kg e 350 grampos fixados em uma via diferente da ascensão traçada com Toni Egger, atinge o cume do Cerro Torre e com prova de sua conquista deixa o compressor na parece poucos metros abaixo do cume.

Assim nasce a Via do *Compressor*, e a mesma permanece inalterada até 2009, quando David Lama em sua primeira tentativa de acessar o cume pela Via do *Compressor* “em livre”, apoiado por seu patrocinador, adiciona mais 60 grampos a via original.

A total descaracterização da via ocorre em 2012, quando dois americanos, Jason Kruk e Hayden Kennedy, atingem o cume, mas não sem antes arrancar 150 das proteções fixas (grampos) colocadas por Maestri.Para os especialistas a conquista de Maestri, através da Via do *Compressor*, foi considerada como o “Assassinato do Impossível”, dada a forma utilizada por Maestri, para ascender ao cume.

Para muitos essa foi a certeza de que a conquista anunciada em 1959, por Maestri nunca teria acontecido.

Independente da forma utilizada por Maestri para chegar ao cume, a adição e retirada de grampos da via original até hoje é condenada, uma vez que tais atos vieram a destruir a Via do *Compressor* original. Em 1976 uma expedição americana à Torre Egger, encontra o corpo de Toni Egger, mas à câmera com as provas da conquista realizada em 1959, nunca foram encontradas.

Esta história teve tanta importância, que chegou a ser objeto de dois filmes, um de 1991, chamado no “Coração da Montanha” e em 2013 na produção chamada Cerro Torre – “*A snowballs chance in the hell*”.

O filme de 2013, Cerro Torre – “”, acompanha a tentativa de David Lama, que tenta repetir a rota feita por Maestri e Egger, o que não acontece, o cume é conquistado, mas por outra rota.

Independente das polêmicas o Cerro Torre ainda é considerado uma das escaldas mais difíceis do mundo e a rota da conquista feita por Maestri e Egger no ano de 1959 jamais foi repetida, e de tempos em tempos surgem novas polêmicas envolvendo o Cerro Torre, Outro fato que sustenta a tese de que não haveria ocorrido a conquista do cume por Maestri e Egger em 1959, para muitos apesar de toda tecnologia que temos hoje no esporte, este caminho é impossível de ser percorrido.

Não podemos deixar de citar o fato de que alguns brasileiros, já conquistaram o cume

do Cerro Torre.

Agora, pensar, que só estas duas atrações valem a ida a El Chaltén, é um redondo engano!!!!

El Chaltén é uma cidade com 1.600 habitantes, cercada por montanhas e com uma natureza e vidas abundantes.

Para quem quer escalar, existem inúmeras paredes bem perto da cidade, que fornecem todo o tipo de treino e aclimação possíveis.

Além disso a cidade não se resume só a escalada o Trekking também é muito forte na região, além de outras atividades de aventura ao ar livre, dado o acesso fácil e rápido a outros lugares, onde é possível a prática de vários outros esportes de aventura.

Com relação ao Trekking são inúmeras rotas e caminhos a serem percorridos.

Chamamos a atenção particular, para a “Senda Chorillo Del Salto” um trekking pequeno, mas que leva a uma cachoeira de água de degelo, e a “Senda ao Fitz Roy” uma rota de 10,2 km, que leva a base do Fitz Roy, é um Trekking de media para alta dificuldade, mas que passa por lugares lindíssimos, tais como o “Mirador Rio de Las Vueltas” e a “Laguna Capri”, além de uma série de outros “miradores” que fornecem paisagens e imagens incríveis de serem contempladas e registradas.

Além disso temos ainda o “Mirador de Los Condores” e o “Mirador de Las Águias”, de onde podemos observar toda El Chaltén

com o Fitz Roy e o Cerro Torre ao fundo, são imperdíveis.A “Capilla Egger” é uma atração e um ponto para reflexão, lá descansam as cinzas de Toni Egger e de muitos outros montanhistas, além de estarem gravados os nomes de todos os que sucumbiram as montanhas da região.

Nada se compara ainda sensação de voltar de um Trekking, sentar e comer um bom pedaço de torta de maçã ou waffles com doce de leite, acompanhados de um bom café ou chocolate quente, folhando revistas especializadas em montanhismo.

As montanhas nesta região são bem inóspitas, até para escaladores mais experientes é importante ir para esta região de forma bem organizada e de preferência com agencias ou contar com o apoio do pessoal local.

El Chaltén, apesar de estar mais próxima das cidades e dos montanhistas do Cone Sul, ainda não foi descoberta como um ponto de aventuras e escaladas, apesar de isso já ter sido feito europeus, americanos e canadenses, que enchem seus hotéis, pousadas e hostels e na alta temporada fazem com que a população desta pequena cidade flutue de 1.600 para 5.000 habitantes.

As paredes de pedra e gelo oferecem uma gama incrível de oportunidades para praticar as mais variadas técnicas de escala, mas como já dissemos é importante ter apoio local.Não adianta pensar em ir para esta região em “baixa temporada” ou até mesmo “fora de temporada”, isso não existe por lá a cidade literalmente fecha e fica toda embaixo da neve.Ficamos em El Chaltén dois dias e uma noite, o suficiente só para conhecer o local e amearhar as informações necessárias, sendo que depois seguimos para El Calafate, para aproveitar um pouco mais dessa cidade tão charmosa e acolhedora, encerrando assim nossa aventura. Saiba mais nos links da Inspiring Adventures

http://www.inspiringadventures.com.br

https://www.facebook.com/InspiringAdventuresSouthAmerica/?fref=ts



SUPERAÇÃO

Texto: Rodolfo Marçon

Comecei a escalar uns 2 anos, que pra mim já é uma superação, e nesse período fui ganhando prática, comecei a guiar e por ter poucos praticantes desse esporte em minha cidade comecei a levar iniciantes comigo para ampliar o esporte por aqui e para ter parceiros de escalada.

Com o tempo fui conhecendo novas pessoas ligadas ao esporte até que um dia conheci meu amigo Juliano "Pedra Chata" de Córrego do Bom Jesus. O Juliano tem um tempo maior na escalada que lhe resultaram em algumas conquistas. Algumas dessas conquistas são em sua cidade onde ele abriu várias vias na Pedra Chata o que lhe resultou em seu nome o qual é conhecido em meio aos escaladores. Ele também abriu algumas vias na Pedra de São Domingos, que é marco divisor das cidades de Camanducaia, Córrego do Bom Jesus e Paraisópolis e também cume referência da minha cidade. Eu sempre acompanhei suas conquistas pelas publicações que ele faz no Facebook até que um dia recebi seu convite para conquistarmos uma via na Pedra de São Domingos. Lugar que sempre ficou marcado em minha memória desde pequeno quando íamos com minha família curtir o visual e passar bons momentos. Visual tão deslumbrante que ficou aquele local gravado em minha memória.

Eu como sempre fui aventureiro nato e sempre gostei de desafios não pensei duas vezes para aceitar o seu convite. Levei algumas semanas para conseguir as chapeletas e parabolts e outras semanas aguardando o tempo dar uma trégua até que chegou o dia "D". No dia 22 de outubro de 2016 Eu, Juliano sua esposa Elisa, minha esposa Noelly e o Bobby de Cambuí, começamos a limpar a base da pedra para a nossa conquista. Juliano me passou algumas dicas, conversamos bastante sobre a linha que seguiria a via e lá vamos nós para cima... No meu primeiro furo já queimei a broca, rs. Pelo fato do Juliano ter bastante experiência no assunto ele havia trazido algumas brocas reserva. Após esse pequeno imprevisto, consegui me aproximar de um lugar onde consegui furar e instalar a primeira chapeleta.

Por conta de minha inexperiência, o Juliano achou melhor prosseguir um trecho que seria muito arriscado para mim e acabou fazendo os outros dois furos e instalou a segunda e terceira chapeletas, mas de lá

em diante eu fui conquistando a via. Passei um veneninho aqui e ali e fui instalando chapa a chapa, e quando percebi já tínhamos conquistado a primeira enfiada, que é a parte mais interessante e difícil da via (crux nas primeiras chapeletas). Então o Juliano subiu e foi conquistar a segunda enfiada com um grau de dificuldade relativamente fácil, somente no final da segunda enfiada que há um crux. Terminando a segunda enfiada eu subi e logo fui finalizar a conquista com a terceira, que considerei a mais fácil, mas para mim não é tão fácil quanto parece, pois em muitas situações que são fáceis para os demais escaladores para mim se tornam um desafio e tanto, ainda mais quando se trata de uma conquista.

Ao finalizar a terceira enfiadaveio o êxtase da conquista. Eu quem nem imaginaria escalar um dia tinha acabado de conquistado uma via, foi uma sensação única e inexplicável. O Juliano em seguida e logo ao lado direito, na via João Cabi Elisa e Bobby terminavam sua escalada atingindo o cume da Pedra de São Domingos. Contemplamos o belo visual e confraternizamos a nossa conquista ficando algum tempo por ali. Agradeço a todos que nos ajudaram a fazer esta conquista, mas principalmente ao Juliano que idealizou e me incentivou a abrir esta via que não teria outro nome melhor a ser dado: *Superação* III sup 90 metros 3 cordadas. Me chamo Rodolfo Marçon, tenho 35 anos, sou de Camanducaia, empresário, casado, ciclista e escalador e nesses esportes consegui me encontrar vivo novamente, após sofrer um acidente moto ciclístico em 2010 e ser amputado do braço direito. Dedico esta conquista a meu falecido pai Albino Marçon e a minha mãe Teresinha Marçon quem sempre me motivaram a conquistar nossos sonhos e sempre me ensinaram em seguir em frente apesar de qualquer dificuldade que encontramos no caminho. Quem quiser conferir a minha superação e gosta de prestigiar uma via clássica com acesso ao cume vá à pedra de São Domingos e desfrute desta beleza natural da nossa região.

Reflexão

Como resumir um ano tão diferente e especial pra mim? Um ponto de convergência que passei sem um aviso prévio, ninguém te avisa e nada te prepara para tais momentos.

JEAN OURIQUES | MG

Um ano de retomada nos ânimos competitivos na escalada brasileira, vários festivais e campeonatos através do país, será que foi a escolha do nosso esporte para adentrar nos jogos olímpicos de Tokyo 2020 que deu esse empurrão na motivação dos organizadores e atletas?

Sempre acredito que tudo nessa vida é um conjunto de fatores e não de apenas um específico, por isso acho que a ABEE (Associação Brasileira de Escalada Esportiva) realizando um trabalho focado em competições desde 2014, mais a inclusão nas Olimpíadas, mais alguns anos sem competições e o surgimento de uma nova geração de escaladores e organizadores com vontade de fazer acontecer as competições, além claro outros vários motivos, fez com que as competições estejam em um momento de ascensão numeral no Brasil.

Aproveitei esse momento e participei de todas as competições que pude presenciar, realizei um sonho de ser campeão brasileiro tanto em Boulder quanto de dificuldade, além de subir no lugar mais alto

do pódio pela primeira vez em um evento Internacional em Buenos Aires.

Notei uma coisa que me deixou feliz, temos uma nova geração aí que está muito motivada para prestigiar as competições nacionais e regionais, disposta também a escalar muito forte em rocha.

Colocando o bico em uma discussão um pouco mais polêmica, será que a olimpíada vai atingir nossos setores de escalada em rocha? Sei lá, temos tantos esportes nas olimpíadas que continuam com pouquíssimos praticantes por aqui, mas também temos outros que cresceram bastante com o evento dos cinco anéis, teremos que esperar e lidar com os desafios que um provável crescimento fora da curva de praticantes possa trazer aos nossos setores.

Espernear, gritar, xingar entre outras coisas não vai adiantar nada, afinal em 2020 estaremos lá representados por 20 mulheres e 20 homens de todo o globo e em minha opinião temos grandes chances de permanecer no programa olímpico, crescer parece inevitável, crescer pode ser desagradável, como uma criança teremos que

passar pela adolescência para chegar a vida adulta e assim até atingirmos a maturidade, teremos que enfrentar todos os conflitos do crescimento se ele realmente existir. E falar sobre os problemas que enfrentaremos é praticar futurologia, a qual não sou muito chegado.

Um ano marco para mim e para a escalada mundial, uma coincidência que gera reflexão, algo natural para essa época, que coloquemos então objetivos, metas e promessas para 2017. O que queremos, uma continuação, mudança radical ou vamos apenas viver e deixar rolar?

Não importando sua ou minha decisão, incentive seus parceiros e não deixe de aproveitar o melhor da curva de conexão com você é seus amigos na base da via.

Um abraço e boas festas!

Jean Ouriques é atleta, route setter e treinador de escalada. Escala há 20 anos e teve a sorte de fazer parte de uma família formada por escaladores. É o atual campeão brasileiro de boulder e via. Tem o apoio da Rokaz, Youclimb, Beneleve e Spot Brasil.



Workshop Deuter

Eventos gratuitos com a equipe da Deuter Brasil.

Produto técnico demanda conhecimento técnico!

inscreva-se

www.deuter.com.br/workshop

OS PARQUES DO ESPINHAÇO (II): O CARAÇA

"Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser, muda-se a confiança;todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades." Luiz de Camões

No artigo anterior, você soube onde começa o Espinhaço. É na esplêndida Serra do Caraça que ele prossegue. Este é um local único, pela origem e história do parque e pela importância e beleza de sua natureza. E muitos dos que o visitam dizem que é um lugar único para descobrir a paz.

Alberto Ortenblad | SP

O Caraça

É bem simples chegar lá: existe asfalto até o antigo colégio e seminário do Caraça, que se inicia da rodovia entre Barão de Cocais e Santa Bárbara. De Belo Horizonte serão 125 km. As terras da Serra do Caraça foram adquiridas em 1770 pelo imigrante português Irmão Lourenço Távora, que lá construiu um monastério. Uma comunidade religiosa cresceu à sua volta, tornando-o um local de peregrinação. Doado à Coroa portuguesa, foi depois entregue à Ordem dos Vicentinos.

O Santuário do Caraça funcionou como um importante seminário lazarista por dois séculos, até o incêndio que o destruiu parcialmente em 1968. Nele operava uma escola de grande prestígio em todo o Estado, conhecida por sua excelência e disciplina. Depois restaurado, protege uma serra, abriga uma pousada e contém muitas curiosidades.

Já na aproximação da região, você perceberá que a Serra do Espinhaço difere bastante da Mantiqueira, da qual ela é uma espécie de prolongamento interno rumo norte. O Espinhaço é menos elevado, mas mais acidentado e fraturado, embora com exposições rochosas mais raras, dada a sua densa cobertura vegetal.

Sobretudo, é bem mais longo e diverso: se a Mantiqueira se estende por cerca de 400 km entre Extrema e Barbacena, o Espinhaço corre pelos 1.200 km que separam a região ao sul de Belo Horizonte daquela ao norte da Chapada Diamantina na Bahia. Ambas serras, com suas riquezas em minérios de ouro, diamante e ferro, foram muito importantes na ocupação do nosso território.

Como dizem os mineiros, a Serra do Caraça é uma espécie de calcanhar do Espinhaço, ao situar-se no seu início. Como o Espinhaço perde elevação à medida que avança para o norte, aqui seus picos tendem a ser mais altos, nas proximidades de 2.000m vs. a altitude média da crista da cadeia de 1.400m - excluindo a Serra do Itambé. E sua vegetação apresenta transições entre

a mata atlântica do sul e leste e o cerrado do norte e oeste. O nome Caraça decorre de o desenho da serra parecer imitar o perfil de uma face - a testa seria seu ponto culminante no Pico do Sol e o pescoço, seu ponto mais baixo na cascata da Bocaina. O Carapuça, por ser inicial, não pertence a esta enorme face.

De suas curiosidades, a principal seja talvez o lobo guará que aparece todas as noites não para rezar, mas para ser suculentamente alimentado pelos padres. Aliás, os atuais lobos apareceram a partir da década de 90 e são descendentes do casal que conheci antes, e que lá surgiu em 1982. Sua movimentação foi estudada por telemetria e concluiu-se que toda a área do parque é necessária para mantê-los, por ser seu relevo tão acidentado – os lobos preferem transitar nas partes baixas. Foi por esta razão que os filhotes expulsaram os pais.

Na realidade, a longa decadência pela qual o Santuário do Caraça passou quase expulsou a sua visitação. Muito tempo atrás, a atual hospedaria mal funcionava e, num período de alguns dias que passei lá, fazia minhas refeições junto aos padres. A comida era bem ruim e, além dela, eu dividia com eles as orações. Numa ocasião, andei o dia todo quase à exaustão para tentar encontrar uma cachoeira na mata que o Padre Zico me disse ser próxima – dela pude apenas escutar o rugido, sem nunca ter visto a queda.

A Natureza

O Parque Natural da Serra do Caraça é uma reserva privada, não pertencendo ao Estado - é uma RPPN estabelecida em 1990. São 11.230 ha, num cenário magnífico, com a torre gótica da igreja subindo como uma seta à frente do vale de entrada, como que interrompendo o arco de serras que contorna o santuário. Existe um antigo projeto de criar a seu lado o PN da Serra do Gandarela, grande o suficiente para alcançar os municípios da Grande Belo Horizonte e distar apenas 40 km da capital. Da fato,

há o decreto, mas não a demarcação.

A região desta última serra apresenta trechos preservados de mata atlântica e campos ferruginosos. Ela se articula não só com a Serra do Caraça a sudeste, mas também com as Serras do Curral e da Moeda a noroeste. O PE do Rola Moça, que você conhecerá no próximo artigo, também está próximo. Desta forma, talvez seja possível criar um precioso mosaico integrando estas reservas, preservando mananciais, vegetações e animais.

A Serra do Caraça tem a forma de uma ferradura de talvez 30 km de extensão, que abraça o vale do Ribeirão Caraça, com 10 km aproximados de comprimento e algo menos de largura. O perfil serrano que você verá é bastante movimentado: primeiro as encostas recobertas de vegetação, a seguir as belas paredes de quartzito e por fim os picos ao longo da linha de cumeeira.

O Ribeirão Caraça é afluente do Rio Piracicaba, que deságua no Doce, do qual falarei em outro texto. Além desta reserva, o Piracicaba participa também do enorme PE Rio Doce; infelizmente sua bacia já foi toda modificada e suas águas recebem os péssimos efluentes de grandes empresas de celulose, mineração e siderurgia.

O mais próximo dos picos é o Carapuça, seguido pela montanha fendida do Beiço do Diabo. O Pico do Sol é uma suave corcova que parece um tanto afastada - você logo verá a consequência disto. A seguir o maciço desce abruptamente, voltando a subir na impressionante parede do Inficionado. Mas a serra continua, com uma depressão da qual emerge a forma saliente do Pico da Verruginha, que separa as metades SE e NW. À sua direita você verá as elevações do Canjerana, Três Irmãos e Conceição, variando aprox. de 2.000 a 1.700m, montanhas pouco ou nada visitadas, devido a seu relativo afastamento – suspeito que ainda escondam surpresas.

Uma característica local é que sua ve-

getação se situa na transição entre a mata atlântica e o cerrado. As matas ciliares lembram bastante a Mantiqueira, assim como algumas paredes rochosas. Você encontrará as candeias e aroeiras do cerrado, assim como os cedros e ipês da mata atlântica, além de uma grande variedade de gramíneas. Mas os campos coloridos de ocre, os rudes afloramentos rochosos, as cachoeiras em patamar e os cursos d’água com escuros remansos têm a aspereza típica do Espinhaço.

As belas flores – o rosa das canelas de ema, o branco das sempre-vivas, o roxo das quaresmeiras, o vermelho das tibouchinas – lembram os pastos floridos do Cipó. O Caraça possui de fato uma natureza rica, com centenas de espécies de orquídeas, insetos e aves. Os mamíferos são variados (macacos, quatis, lebres, esquilos), bem como as cobras, das quais as mais peçonhentas estão aqui presentes.

As Montanhas do Leste

Vou agora me referir brevemente às três montanhas mais visitadas, por ordem de acesso. A primeira é o Carapuça, cujo caminho começa no lago ou tanquinho. Estende-se por 5½ km num rumo nordeste (todas as distâncias deste texto são de ida). A ascensão é razoável, mais de 650m, o que lhe irá tomar 4½ hs ida e volta. Após as ruínas de uma capela, atinge num platô a Gruta de Lurdes, onde você verá duas pedras pontudas, como um casal conversando. O final é íngreme e sombreado, até encontrar no cume uma casinha de alvenaria, a 1.955m. Ao longo desta subida, você poderá ver a torre em seta da igreja do Santuário, os campos da Bocaina no vale abaixo e as formações rochosas da serra a sudeste.

Já a trilha para o Pico do Sol começa um pouco antes da Cascatinha, de onde você subirá a sudeste por uma íngreme parede de pedras, até atingir o chamado portal. Este é uma abertura rochosa que dará acesso a um vale elevado, cerca de 400 m acima do vale lá de baixo. Agora você cruzará esta região razoavelmente plana e voltará a subir pelo leito ro-

choso de um rio, até um colo elevado, cuja parede irregular irá levá-lo ao cume (2.072m), o mais alto de toda a cordilheira. O resultado de o Pico do Sol estar recuado é que você terá que caminhar muito até alcançá-lo, calculo que 10,5 km de trilha.

Outra consequência é que ele fica praticamente na borda da serra, portanto com um grande desnível em relação à região externa. É por isso que a vista do Sol lhe trará uma surpresa, quando você olhar a leste e descortinar as colinas verdejantes da bacia do rio Doce. À sua frente você verá as formações irregulares do Espinhaço, incluindo o Itabirito e a distante linha do Cipó. A oeste, você novamente encontrará o perfil da Serra do Caraça. E, logo em frente, o Pico do Baiano, uma das maiores rotas mineiras de escalada, visitado pelo lado oposto de Catas Altas. Serão ao todo 7hs, para uma ascensão de praticamente 800m.

O Inficionado é a montanha mais difícil do Caraça, com uma jornada de talvez 8 hs, sendo 5 delas para chegar. Trata-se de uma formação rochosa gigantesca, cujo extenso topo é irregular e recortado por fendas, algumas delas bastante profundas. Abriga sobre suas rochas a imensa Gruta Centenário (3.800m), a mais alta do Brasil e considerada a maior do mundo em quartzito. Trata-se de um labirinto com acesso desde o topo

do pico e que exige muita aventura para ser explorada. Existe ainda a 1 km ao norte a Gruta da Bocaina (3.600m). Outro acidente marcante no topo é a Garganta do Diabo no lado leste, que possibilita amplo e belo visual do Vale da Bocaina.

Serão provavelmente 9,5 km até atingir o cume. Seus 2.068m permitem um desfrute visual impressionante de toda a região, inclusive do seu irmão maior, o Pico do Sol (que dista apenas 2 km em linha reta), do vale onde está o Santuário e até mesmo da Serra do Curral na capital mineira. Com sorte, você poderá ser saudado pela revoada dos andorinhões que por lá transitam.

As Montanhas do Oeste

Se você tiver tempo, permaneça na região, pois o Parque é muito interessante. No assim chamado Campo de Fora você andarà 7,5 km de ida conhecer suas belezas, especialmente a vegetação, o relevo e as cachoeiras. Aproveite e dirija-se ao Canjerana (1.890m), uma trilha longa, mas cômoda de 12 km. Havia no passado uma estação de energia no topo do pico, que acionava os trens lá em baixo, de forma que foi aberta uma estrada até lá. É por esta razão que a trilha é até hoje tão larga.

Serão talvez 4 hs até o cume, sendo 2/3 da extensão no plano ou em leve aclave e

o restante de subida. Você atravessará vegetações de campo, de capoeira e de mata, até atingir o pequeno cume da montanha, que terá de dividir com as construções lá existentes. Infelizmente, a vista para fora alcança os terrenos alterados por uma mineração. Na direção oposta a leste, você verá as terras protegidas do Caraça.

As montanhas do lado sudoeste não costumam ser visitadas e, embora menos elevadas, podem apresentar trilhas complicadas, pela interferência da vegetação, dificuldade de acesso e falta de definição, além é claro do relevo vertical. Este é o caso do pequeno Verruginha que, com 1.650m, é a mais baixa de todas as montanhas. Sua trilha de 7 km era um antigo caminho de tropeiros rumo a Ouro Preto, que começa perto da do Inficionado. A melhor vista é voltada para o Santuário, do qual não está tão distante.

É também o caso do Três Irmãos ou Trindade (1.675m), cujo caminho de 8 km percorre a longa crista da esquerda da montanha, aliás de belo visual. Já o Conceição parte do mesmo caminho do Trindade, só que mais adiante no vale. Ele fica à sua direita, sua trilha tem cerca de 9 ½ km e ele é bem mais elevado (1.800m). Talvez seja possível transitar de um para o outro pelo colo rochoso

entre eles. Não fiz nenhuma destas montanhas – observe que seu acesso que eu saiba só é permitido com guias.

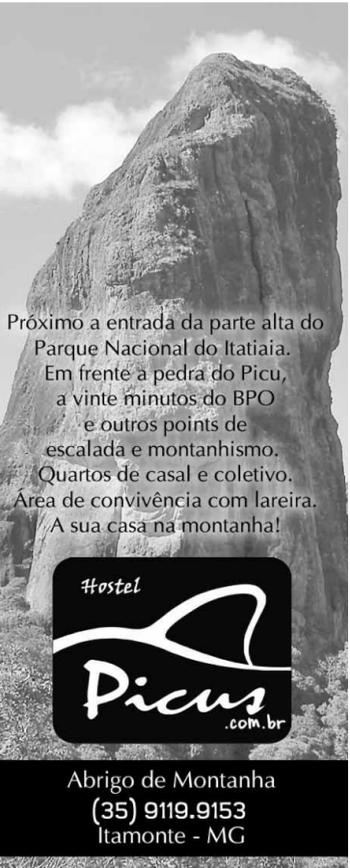
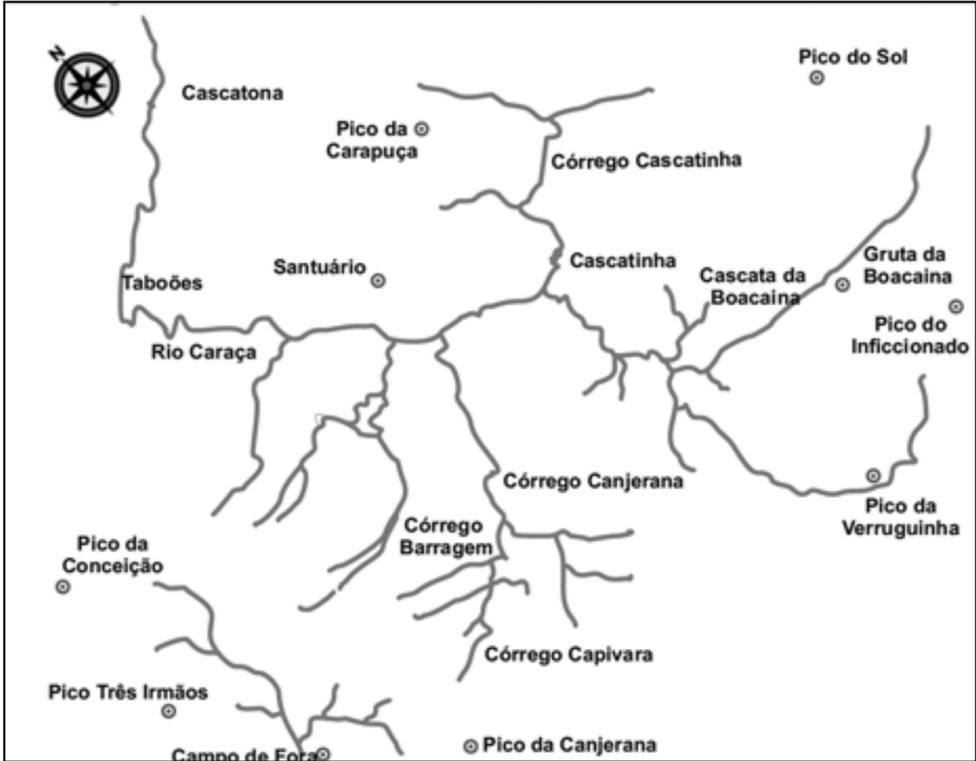
Muitos anos atrás, conheci João Júlio no Itambé e depois o reví no Caraça. Rodrigo Mello foi uma amizade mais recente, de quando retornei ao Cipó. Pois os dois algum dia farão o que chamam de Projeto Sete Picos: completar a travessia das montanhas do Caraça, desde o Conceição até o Carapuça. Talvez isso tire os picos menores a oeste do seu injusto esquecimento.

Existem muitas cachoeiras, como Cascatinha, Cascatona e Bocaina, além das águas da PRAINHA e dos Taboões. E há naturalmente os sermões dos padres, as visitas matinais dos pássaros e as aparições noturnas do guloso lobo guará. Mas, não menos importante, o Caraça é um local de silêncio e recolhimento, como disse um de seus visitantes um paraíso desenhado nas montanhas mineiras.

Leia no capítulo seguinte desta série acerca dos humildes Parques do Espinhaço.

Alberto Ortenblad, reside em São Paulo ortenblad@terra.com.br

Mapa do santuário do Caraça



GENUINAMENTE
ARTESANAL
 PRODUZIDA NO VALE DOS
SERRANOS
SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

BLACK IPA - PRIMEIRA NO BRASIL | 5,3%ABV | 40 IBU
 BLONDE ALE - RECEITA BELGA | 6,3 ABV | 15 IBU
 RED ALE - LEVE E SUAVE | 4,0 ABV | 17 IBU
 WITBIER - TRIGO E ESPECIARIAS | 6,5 ABV | 11 IBU



LOJA DE FÁBRICA:
 ESTR. SERRANOS, KM2
 SÃO BENTO SAPUCAÍ
 (12) 3971.1470

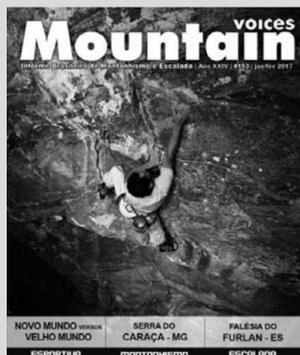


RESISTE !

EQUINOX

Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.
 Editor: Eliseu Frechou
 Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.
 E-mail: contato@montanhismus.com.br
 Web site: www.mountainvoices.com.br
 Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Felipe Alves na via Café Doce, falésia do Furlan - ES

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/04/2017.

Nome.....
 Endereço.....
 Cidade..... Estado.....
 CEP..... Telefone.(.....).....
 E-mail.....
 Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
 Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
 Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
 () Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 30,00
- () Renovação assinatura - R\$ 20,00
- () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

153

Total00

Desde 1989
 preparando montanhistas
 para grandes desafios.

MONTANHISMUS
 Escola de Escalada
 Telefax: (12) 3971.1470
 São Bento do Sapucaí - SP
www.montanhismus.com.br

CONQUISTA

PRODUTO BRASILEIRO
 ORGULHO NACIONAL

**ACREDITE
 NO PODER
 DA AVENTURA
 E VIVA ESSA
 CONQUISTA.**

Jonas Leffek - (Via Superphaut 10a) Foto: Marcos Cons

CONQUISTAMONTANHISMO.COM.BR
[FB.COM/CONQUISTAMONTANHISMO1990](https://www.facebook.com/CONQUISTAMONTANHISMO1990)
[INSTAGRAM.COM/CONQUISTAMONTANHISMO](https://www.instagram.com/CONQUISTAMONTANHISMO)



SNAKE[®]

r e a c h t h e t o p

Que 2017 venha com muita

paiz, alegria e aventuras!

www.snake.com.br